

SOBRE O RIO E SUAS MARGENS: UMA LEITURA DE MORTE E VIDA SEVERINA¹

Josmara Vieira dos Reis PEROBELLI²
Altamir Celio de ANDRADE³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo examinar a presença do rio no poema **Morte e vida severina**: auto de Natal pernambucano (1954-1955), de João Cabral de Melo Neto. As questões da morte e da vida, presentes no poema, são elementos que perpassam a condição humana, levando necessariamente a indagações de ordem existencial desde os primórdios da humanidade. A morte e a vida ecoam no poema através do personagem Severino, que é um símbolo da dura realidade vivida por homens e mulheres habitantes do sertão nordestino. Examinaremos a importância dos rios para a sobrevivência dos povos, destacando os rios Nilo, Ganges, Amazonas e o Capibaribe, que é a fonte de inspiração para o autor João Cabral. O rio Capibaribe é um elemento participante da narrativa do poema e simboliza vida em determinadas situações e morte em outras. O rio é vida severina, e Severino, como ele, vai, tendo-o como seu guia durante a sua trajetória. Serão buscados elementos que colaborem para um artigo ancorado na obra literária de João Cabral e na percepção do seu pensamento como motivo para se pensar o ser humano em todos os tempos e lugares, particularmente no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Rio. Morte. Vida. João Cabral de Melo Neto.

ABSTRACT

The present article aims to examine the presence of the river in the poem **Death and Life of Severino** (Christmas theater performance from Pernambuco State (1954-1955) by João Cabral de Melo Neto. Death and life issues presented in the poem are elements that overreach the human condition, which necessarily leads to existential inquiries since the early days of mankind. Death and life echoes in the poem through Severino's character, who is a symbol of the rough reality lived both by men and women from the northeastern hinterland. The importance of the rivers for survival will be examined with particular attention to The Nile, Ganges, The Amazon and Capibaribe, which is author João Cabral's source of inspiration. Capibaribe River is a participating feature in the poem's narrative that embodies life in certain circumstances and death in other ones. The river is *severino's life*, and Severino himself, as he moves along having it as his guide throughout his path. There will be a search for elements that contribute to an article based upon João Cabral's literary work, along with his mindset perception as a reason for thinking the human being in all ages and settings, especially in the contemporary world.

Key words: River. Death. Life. João Cabral de Melo Neto.

¹ Esta reflexão é resultado de parte da pesquisa desenvolvida na dissertação de Mestrado intitulada **Os caminhos de morte para uma aurora de vida: o mundo inteiro no sertão Severino**, no âmbito do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Mestre em Letras pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Professora da rede municipal de ensino da Prefeitura de Juiz de Fora, lecionando nos anos iniciais do ensino fundamental. E-mail: ojperobelli@globo.com.

³ Doutor em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

1 INTRODUÇÃO

O poema **Morte e vida severina** inicia-se contando a história de um retirante chamado Severino, que sai do sertão pernambucano em direção ao Recife, onde deseja encontrar melhores condições de vida. E ele se apresenta:

- O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
(MELO NETO, 2007, p. 91).

Nessa autoapresentação, Severino tenta explicar para o seu leitor quem é ele mesmo, resultando uma difícil missão, uma vez que a maioria são **Severinos** com mães chamadas Marias e filhos de Zacarias⁴. Isso nos mostra um Severino que, “quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens. Querendo distinguir-se, mais e mais revela sua dissolução no anonimato coletivo” (SECCHIN, 1999, p. 107).

⁴ No trabalho dissertativo, em que aproximamos o poema de narrativas bíblicas, pudemos perceber que o Zacarias do **Evangelho de Lucas** guarda, na etimologia, uma importante perspectiva que nos orienta no próprio caminho Severino. *Zakar* é um verbo hebraico que significa **recordar, lembrar**. Já o sufixo *-ías* é uma abreviatura do nome divino (hebraico) *Yahweh*. Assim, o nome significa **Deus se recorda**.

No decorrer da caminhada de Severino, o leitor é convidado a ficar atento aos encontros que ele terá ao longo do seu trajeto. Para que melhor se tenha uma compreensão, é justo colocar uma breve sequência deste percurso:

PERSONAGENS E CENÁRIOS	IDENTIDADE
Irmãos das almas	Lavradores que carregam o defunto
Pessoas do lugar	Cantam excelências para o defunto
Mulher na janela	Trabalha com a morte, encomenda defuntos, canta excelências, reza ladainhas e enterra os mortos
Litoral	Destino final do rio Capibaribe
Cemitério	Lugar simbólico do fim da vida
Dois coveiros	Relatam o tratamento diferenciado no cemitério de acordo com a classe social a que pertencia o defunto
Seu José	Morador do mangue, retirante de Nazaré da Mata e pai do recém-nascido
Uma outra mulher	Anuncia a boa nova, o nascimento do filho de Seu José
Amigos e vizinhos	Louvam a chegada da criança e trazem presentes: caranguejos, leite materno, papel de jornal, água de Olinda, canário da terra, bolacha d'água, boneco de barro...
Duas ciganas	Fazem a previsão da vida futura do recém-nascido

Quadro 01: Identificação e localização das personagens. Fonte: elaboração dos autores.

Vamos notar que os muitos encontros de Severino vão desde pessoas (em sua maioria) até espaços físicos (litoral e cemitério). Algumas pessoas nomeadas, outras indicadas pela função que estão exercendo. A maioria sem nome, contrastando com o Severino, que é, ele mesmo – e paradoxalmente –, múltiplo.

2 O RIO, A SUPERFÍCIE E O (TRANS) FUNDO

Nas mais diversas culturas, os rios foram essenciais para a sobrevivência dos povos e, ao longo da nossa história, fundamentais para a civilização humana. Quase sempre, as comunidades originaram-se ao redor dos rios. Assim, inspirados e através deles, desenvolveram-se a vida desses povos, suas festas, seus ritos de passagem e suas identidades. Um inventário completo dessa realidade é quase impossível num artigo como este, mas alguns exemplos podem ser trazidos para ilustrar o que ora propomos.

Um rio que vem à mente, dada a sua importância vital para uma das mais antigas culturas é o rio Nilo. Este é o mais extenso do mundo com aproximadamente 7.088 km e com uma bacia hidrográfica chegando a $3,3 \times 10^6$ km², e de fundamental importância para o desenvolvimento da civilização egípcia, sendo que se originou:

da confluência de três outros rios, o Nilo Branco (que se origina no lago Victória), o Nilo Azul e o Rio Atbara. O Nilo Azul nasce no lago Tana (Etiópia), confluindo com o Nilo Branco em Cartum, capital do Sudão. O Rio Nilo corre no sentido sul-norte, na região nordeste do Continente Africano. A sua foz ocorre no Mar Mediterrâneo, após atravessar dez diferentes países africanos (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 36).

Numa área de deserto, a civilização egípcia, na sua origem, não teria sobrevivido senão fosse o rio Nilo, pois a contribuição desse rio:

vai além do fornecimento de água para o simples consumo, as cheias que ocorriam em alguns períodos do ano limpavam as terras a margem de seu percurso e fertilizava-as com camadas de sedimentos férteis carreados por toda a sua extensão, dando origem ao extenso território propício ao cultivo que vai do eixo sul ao norte sendo distribuído em “leques” por uma área de 160 quilômetros de largura, proporcionando a execução da agricultura que foi a principal atividade econômica exercida por muitos anos além da coleta de papiro e pescarias (COSTA, *et al.*, 2019, p. 723).

O rio Nilo proporcionou ao Egito o desenvolvimento da sua agricultura e da sociedade que nasceu no seu entorno, numa área de deserto. Foi devido ao ciclo do rio, que inundava nos períodos de cheias e carregava os sedimentos, que, ao longo de suas margens, eram distribuídos, e, quando as águas baixavam, deixavam o solo cheio de nutrientes, importantes para a fertilidade da terra, utilizada para plantação.

Assim, o rio Nilo, fundamental para o progresso do Egito, disponibilizou os recursos necessários para a permanência daquele povo, sendo o responsável pela subsistência de muitas gerações ao longo de tantos séculos. O rio Nilo, nesse sentido, simbolizava a vida para os que moravam ao seu redor e leva-nos a considerar que:

os benefícios oriundos do rio Nilo foram de extrema importância para aquele povo, acarretando um bom desenvolvimento socioeconômico e a agregação de mitos e crenças a cerca dessas águas. Por sua vez, foram atribuídas figuras bíblicas, deuses e animais místicos fortalecendo a relação entre homem e natureza e despertando o interesse de muitos indivíduos em desvendar a cultura daqueles povos considerados uma das primeiras sociedades do mundo (COSTA, *et al.*, 2019, p. 722).

Outro rio de extrema importância é o rio Ganges, “não é só um dos maiores rios do mundo em fluxo de água, mas moldou de tal forma a religião, a cultura e a história da região que ele passou a ser conhecido como o ‘Rio da Índia’” (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 35). Este rio nasce na:

Cordilheira do Himalaia e deságua na Baía de Bengala. Suas águas banham diversas capitais de províncias da nação indiana. O Ganges e seus afluentes abrangem uma bacia hidrográfica fértil de cerca de um milhão de km², que é a mais densamente povoada do Planeta, com mais de 400 milhões de pessoas e uma densidade populacional que atinge a cifra de 390 habitantes por km² (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 35).

Um rio, oriundo do Himalaia, o senhor das montanhas, não conseguiria ter um valor menor. O Ganges, na realidade, está “tão atrelado à religiosidade da Índia, que se aproxima de uma divindade” (CORRÊA, 2018, p. 92). Sobre ele, Cecília Meireles escreveu:

Ganges

Eis o Ganges que vem de longe servir aos homens.
Eis o Ganges que se despede de suas montanhas,
Da neve, das florestas, do seu reino milenar.
Eis o Ganges que caminha pelas vastas solidões,
Com suas transparentes vestimentas entreabertas,
Pisando a areia e a pedra.

Seu claro corpo desliza entre céus e árvores,
De mãos dadas com o vento,
Pisando a noite e o dia.
Eis o Ganges que sobe as escadas do céu.
Que entrega a Deus a alma dos homens.
Que torna a descer, no seu serviço eterno,
Submisso, diligente e puro.
(MEIRELES, 2001, p. 1021).

Diante do exposto, destaca-se um ritual específico que ocorre nas águas do rio Ganges, e a ele é atribuído a “purificação, e mergulhar no lodo de suas margens é limpar-se de maneira profunda. Bem como ter suas cinzas jogadas na correnteza do Ganges após a sua morte é alcançar o sentido puro de um espírito desprendido” (CORRÊA, 2018, p. 93).

Em seu **Dicionário de Símbolos**, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant explicam que o *rio do Alto* é também o **Ganga** (o Ganges) da Índia:

o rio purificador que flui da cabeleira de **Xiva**. Ele é o símbolo das *águas superiores*, embora seja também, na sua qualidade de rio que tudo purifica, o instrumento de liberação. Na iconografia, o **Ganga** e o **Yamuna** são atributos de **Varuna** como *soberano das Águas*. A corrente do **Ganga** é de tal modo uma corrente realmente *axial*, que, segundo a crença, ela *passa por um tríplice caminho*, percorrendo o céu, a terra e o mundo subterrâneo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 78, grifos dos autores).

No Brasil, o rio Amazonas é o “segundo rio mais extenso do mundo, com 6.992,06 km e mais de mil afluentes sendo o rio com maior fluxo de água por vazão do mundo” (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 36). Ele tem sua origem na nascente do

Rio Apurímac (alto da parte ocidental da Cordilheira dos Andes), no sul do Peru, e deságua no Oceano Atlântico junto ao Rio Tocantins, no estado do Pará, Brasil. O rio entra pelo Brasil com o nome de Rio Solimões. Somente na altura da cidade de Manaus, após sua junção com o Rio Negro, passa a receber o nome de Amazonas. Este rio é o único com uma foz mista do mundo (delta e estuário). Sua bacia hidrográfica é a maior do mundo, ultrapassando os 7,0 milhões de km² (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 37).

O rio Amazonas é sinônimo de vida, cultura, identidade e fonte de sobrevivência. Certamente é um dos maiores símbolos para o povo que vive às suas margens, de modo que ameaçá-lo é ameaçar a vida desses povos. Sendo assim, esse rio, embora seja indispensável para

economia, cultura e imaginário dos povos da Amazônia representa, juntamente com as florestas do seu entorno, uma das últimas fronteiras da natureza que ainda vem resistindo ao avanço da civilização (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 37).

Outro rio brasileiro de grande relevância histórica e social para região Nordeste e de fundamental importância para o desenvolvimento do estado de Pernambuco é o **rio Capibaribe**. A sua história é marcada pelas “culturas indígenas que ali se fixaram, aos portugueses e holandeses que o utilizaram como meio de ocupação. História marcada pela utilização da água fazendo surgir cidades em seu percurso [...]” (FRANÇA, 2010, p. 5). Um rio cercado por histórias que são fonte de inspiração para escritores e poetas nascidos na região, como o autor João Cabral. De acordo com Fernanda Rodrigues Galve, o rio Capibaribe

nasce na serra do Jacarará, no município do Brejo da Madre de Deus, na divisa de Pernambuco com a Paraíba. Possui cerca de 74 afluentes e banha 32 municípios pernambucanos, sendo os mais importantes Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e o Recife (GALVE, 2006, p. 105).

João Cabral de Melo Neto trouxe a público, em 1956, uma coletânea de poemas inéditos e republicações intitulada **Duas Águas**, que inclui, na primeira água, os livros **Pedra do Sono**, **O Engenheiro**, **Psicologia da Composição**, **O Cão sem Plumas**, **Uma Faca só Lâmina** e **Paisagens com Figuras**, e, na segunda água, os livros **Os Três Mal-Amados**, **O Rio** e **Morte e vida severina**.

Nesse agrupamento de livros, três poemas apresentam o rio Capibaribe em circunstâncias diferentes, são eles: **O Cão sem Plumas**, **O Rio** e **Morte e vida severina**. Marlyse Meyer, no seu livro **Caminhos do Imaginário no Brasil**, destaca, no poema **O Cão sem plumas**, uma “áspera metáfora designando globalmente o rio e seus ribeirinhos, os quais acompanhando-lhe às margens, andam à busca de um destino melhor” (MEYER, 1993, p. 111). **O Rio** antecipa **Morte e vida severina**, em um aspecto quando “aponta a impossibilidade de individuação da gente local, sem nome próprio, além de igualada pela vida e pela morte” (OLIVEIRA, 2012, p. 43). Em ambos os poemas de João Cabral, existem:

duas histórias (a do Severino, retirante do sertão nordestino e a do Capibaribe, rio cujo leito leva ao Recife), que, cruzadas, originam um sistema de equivalências, em que o rio humanizado e o homem fluvializado confundem suas naturezas, em face de um estado de precariedade por ambos compartilhado (PINTO, 2003, p. 176).

Antonio Carlos Secchin, em **João Cabral**: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos, explicita que o autor João Cabral “já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife” (SECCHIN, 1999, p. 107).

No poema **Morte e vida severina**, o rio Capibaribe é presença constante na narrativa do poema, pois, desde a saída do personagem Severino do sertão, até o Recife, ele é o seu guia, mesmo passando por períodos de seca. O rio é um elemento participante do poema, simboliza vida em determinadas situações e morte em outras.

Nota-se como o rio, ao longo do poema, adquire personalidade. Ele passa a ser, também, um personagem juntamente com o Severino. Algumas cenas abaixo foram retiradas do poema **Morte e vida severina**. Em todos os versos destacados, o rio Capibaribe aparece, e segue junto com Severino.

O rio, como condutor de vida, secou devido ao período de estiagem, que é a seca que assola o sertão nordestino, mostrando, assim, sua fragilidade. É um rio intermitente, que, durante o verão, seca e, no período de chuvas, retoma seu curso. E, como guia, o rio deixou o Severino perdido na sua caminhada. O rio começa, então, a gerar a dúvida: como segui-lo? Essa crise instaura-se, obrigando Severino a outras formas de pensar e agir:

[...]
Pensei que seguindo o **rio**
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os **rios** lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
[...]
(MELO NETO, 2007 p. 98, grifo nosso).

Nos versos que se seguem, a palavra **rio** está implícita, quando se fala do Capibaribe. Severino está cansado da sua jornada até ali e pensa em parar por um tempo, como faz o rio Capibaribe durante o período da seca, e retoma seu caminho, seu leito, durante o período das chuvas. O leitor pode perceber, então, o quanto

Severino e o rio aproximam-se. Pode-se arriscar, desse modo, a afirmar que o rio, agora, sinaliza o interior do próprio peregrino.

No entanto, as perguntas continuam, novas questões aparecem. O rio leva Severino a refletir, se não seria melhor parar, descansar e esperar a cheia novamente para continuar a sua andança, rumo ao seu objetivo, que é chegar ao Recife e tentar melhores condições de vida. O rio procura o mar, Severino procura o Recife:

[...]
Penso agora: mas por que
parar aqui eu não podia
e como o Capibaribe
interromper minha linha?
Ao menos até que as águas
de uma próxima invernia
me levem direto ao mar
ao refazer sua rotina?
[...]
(MELO NETO, 2007 p. 100).

Quando Severino chega à Zona da Mata, fica encantado com tanta fartura de água, e o verde da natureza, pois do lugar de onde vinha, só a seca acompanhava-o. O rio, nesse caso, é um rio perene, que tem sempre água, na qual há abundância. E, cavando um pouco na terra, a água brota. Também pensou em fazer parada nesse lugar:

[...]
Os **rios** que correm aqui
Têm a água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
cavando o chão, água mina.
[...]
(MELO NETO, 2007 p. 106, grifo nosso).

Severino fica admirado com o rio perene que existe na Zona da Mata, refletindo que este não fica imobilizado como o rio que corta o sertão, que faz parada em poços. Abundante em água, esse rio quer seguir o seu caminho, que é o de encontrar o mar:

Agora é que compreendo
por que em paragens tão ricas
o **rio** não corta em poços
como ele faz na Caatinga:
vive a fugir dos remansos
a que a paisagem o convida,
com medo de se deter,
grande que seja a fadiga.
(MELO NETO, 2007 p. 112, grifo nosso).

Parece que Severino quer chegar logo ao Recife. Isso é indicado pelo seu desejo de findar logo a ladainha. Sendo assim, ele começa a se lembrar dos nomes das cidades por onde passou, sendo o rio seu condutor, para, enfim, terminar essa viagem, onde o rio desaparece e termina a sua ladainha, a sua peregrinação. Se antes o rio o conduz e orienta seu caminho, Severino, agora, parece ser um novo rio. Essa mistura vai se desenvolvendo no poema, em uma metamorfose homem-rio.

3 RIO DE MORTE, RIO DE VIDA

Enfim, Severino chega ao seu destino. Cansado, senta-se perto de um muro e escuta a conversa entre dois coveiros. Um deles sugere para as pessoas que descem lá do sertão para a capital, ao invés de serem enterradas em terra seca, nos cemitérios, deveriam ter um enterro ligeiro e econômico, que seria o de jogar os corpos direto no rio, onde teriam a água como um lençol a envolvê-los e seriam levados até o mar. O rio, nessa condição, seria como lugar de purificação e morte.

A superfície do rio passa a ser uma superfície que escancara a morte. O leito do rio, outrora de vida, parece adquirir contornos e significados de morte. A reflexão dos coveiros coloca novo ingrediente no poema, que é o de se pensar o homem à mercê do rio em vida assim como a mercê dele na morte:

[...]
- Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do **rio** e da morte.
- O rio daria a mortalha
e até um macio caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.
[...]
(MELO NETO, 2007 p. 118, grifo nosso).

Os versos acima remetem à Índia, cujo costume é cremar os corpos e jogar as cinzas no rio Ganges. Quando os familiares do defunto não têm condições de pagar a cremação, os corpos são jogados diretamente no rio, para purificação deles.

Severino, após ouvir a conversa entre os coveiros, fica completamente desmotivado, perde as esperanças e planeja tirar a própria vida. Pensa na sugestão

dada por um dos coveiros de saltar da ponte e da vida para dentro do rio, o qual se encarregaria de lhe dar uma morte rápida e um enterro que não daria trabalho para ninguém. O rio se encarregaria de dar as flores e conduzi-lo, ao longo do seu curso. Severino pensa o rio com o sentido de morte:

A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este **rio**,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de aninga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o **rio**, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).
(MELO NETO, 2007 p. 120, grifo nosso).

Severino observa de perto o rio Capibaribe, aproximando-se de sua margem. Ali encontra o Seu José, mestre carpina que é morador dos mocambos, daquele manguezal. Na conversa entre Severino e Seu José, este argumenta que cruza o rio, passando pela ponte, e que a sua fome é saciada ao se alimentar. Mesmo assim, Severino manifesta suas misérias e fraquezas e revela a falta de esperança frente à situação vivenciada.

Severino continua dialogando como Seu José e expõe toda a sua frustração e desânimo perante os problemas que a vida lhe oferece:

- Severino, retirante,
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzo este **rio**
costumo tomar a ponte;
quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.
- Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses **rios** sem água
são grandes braços de mar?
[...]
- Seu José, mestre carpina,
e em que nos faz diferença
que como frieira se alastre,
ou como **rio** na cheia,
se acabamos naufragados
num braço do mar miséria?
(MELO NETO, 2007 p. 121, grifo nosso).

Essa conversa é interrompida pelo nascimento do filho de Seu José. Severino fica como espectador de tudo o que está acontecendo, e até o rio que banha o manguezal, onde mora mestre carpina, fica mais límpido naquele dia, refletindo as estrelas do céu, mostrando que todo o ambiente está em harmonia, mesmo que por um período, com a vida recém-chegada. O rio nesse momento volta a ser vida:

- E este **rio** de água cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.
(MELO NETO, 2007 p. 125, grifo nosso).

Destaca-se, então, a relação que existe entre o homem e o rio. Uma relação primordial e arquetípica. Tal relação sugere movimento e deslocamento, exterior e interior. Como sugerira Heráclito, no fragmento 91, “um (homem) não pode entrar duas vezes no mesmo rio” (KAHN, 2009, p. 79). Essa chegada e saída, aproximação e passagem caracterizam bem o Severino e ilustram sua dependência do rio, que, se morre, também morrerá o homem com ele, e, se renasce, também o sertanejo renascerá.

Severino, ao sair da Serra da Costela, objetivava fugir da miséria, da fome e da **morte severina** e buscar melhores condições de vida na capital. Para esse deslocamento, usa o rio Capibaribe como seu guia na retirada, e vai contando a sua história, sendo que ambos, Severino e rio, passarão por momentos difíceis até chegarem ao seu destino:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
[...]
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(MELO NETO, 2007, p. 92).

O **Dicionário Aurélio** apresenta três sentidos básicos para deslocamento. São eles: mudança de lugar ou de direção e desarticulação do osso. Além desses, um quarto sentido é retirado do ambiente de construção naval: diz respeito ao “peso da água deslocada pela embarcação flutuando em águas tranquilas, o qual, de acordo com o princípio de Arquimedes, é igual ao peso da própria embarcação” (FERREIRA, 1999, p. 656).

Já no Dicionário Houaiss, além dos sentidos apresentados anteriormente, indica que o deslocamento pode ser, também, uma “viagem a que se está obrigado por motivos de trabalho ou outro de natureza diversa” (HOUAISS, 2001, p. 999). Essa ideia de deslocamento se inicia quando Severino se apresenta e convida os leitores para conhecerem a história e as mudanças que acontecerão durante a trajetória até Recife.

Em todas as formas apresentadas, fica presente o sentido de movimento, saída, partida, chegada. Assim, quando aplicados à realidade humana, esses sentidos ganham enormes proporções, multiplicando-se consideravelmente em diversas dimensões. Mesmo a mais corriqueira mudança de móveis dentro de uma casa, a mudança da própria casa ou de um país são geradoras de consequências profundas que permeiam e atravessam cenários multifacetados.

Merece destaque, nesse sentido, que as secas que ocorrem no sertão nordestino são causadoras de grandes sofrimentos aos sertanejos que moram nestes locais. A fome é sempre presente, os problemas de sobrevivência são muitos e a desigualdade social e o descaso com o povo nordestino por conta das autoridades políticas são enormes. Certamente, esses são motivos que levaram e ainda levam os retirantes nordestinos a se deslocarem e buscarem uma vida digna.

4 O MUNDO INTEIRO NO SERTÃO SEVERINO

A morte, tão universal, tão próxima e tão presente no poema **Morte e vida severina**, não se configura como algo exclusivo do sertão Severino, uma vez que o sofrimento é agora do mundo inteiro. É uma morte muito realçada, sobretudo nestes tempos últimos, no contexto crítico de pandemia pelo qual a humanidade atravessa.

Enquanto o personagem no poema tenta evitar a **morte severina**, o mundo inteiro está vivendo um momento inimaginável, que é a pandemia causada pelo novo coronavírus.

A humanidade, em pleno mundo globalizado, com tecnologias avançadas, não poderia sequer imaginar que, na segunda década do século XXI, seria surpreendida por uma pandemia. Tal situação conseguiu impactar o modo de viver de todos os habitantes do planeta, mesmo que uma minoria não acredite ou negue a sua existência.

Em matéria intitulada **Os humanos que o vírus descobriu no Brasil**, escrita por Eliane Brum, a autora discorre sobre o sofrimento causado pela morte de pessoas que foram infectadas pelo novo coronavírus, e dos ritos funerários e dos lutos que foram modificados em vários países do mundo, nas mais variadas culturas e línguas, em que inúmeras pessoas estão lidando

não apenas com a perda de quem amavam, mas com a despedida que não houve, com o cuidado que foi vetado pelo risco de contaminação, lidando com caixões lacrados e túmulos que não escolheram, quando não com a indignidade das valas comuns. Lidando com os abraços que não puderam acontecer (BRUM, 2020, recurso eletrônico).

Estamos vivendo a maior crise sanitária do nosso século por conta da contaminação pela COVID-19. Ela escancara brutalmente a nossa finitude, e a morte é, muitas vezes, inevitável quando pandemias surgem. Os familiares que perderam entes queridos com casos confirmados ou suspeitos pela doença tiveram as despedidas aos mortos alteradas, para evitar a infecção dos parentes e amigos do falecido.

As homenagens aos mortos, tão comuns nos rituais funerários, foram então modificadas e suspensas se o motivo da causa da morte for a COVID-19. Essa impossibilidade de despedidas, de não poder ficar próximo daquele que morre, possivelmente acarretará momentos de grande tristeza e sofrimento, pois as pessoas que estão em luto provavelmente terão dificuldade para aceitar a morte e terão que fazer um esforço maior ainda para elaborar essa perda da pessoa querida.

Estamos, então, discorrendo sobre a morte. A morte Severina,

[...]
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 92).

Como então não perceber a atualidade do poema? Como então não notar a sua universalidade? Como não relê-lo com os olhos de um novo século? Como não aplicá-lo ao mundo inteiro?

5 CONCLUSÃO

O poema **Morte e vida severina** é uma daquelas obras que não se voltam para si mesmas, mas apresentam uma gama de possibilidades e aberturas para que se possa entender o ser humano e o mundo e o espaço em que esse ser humano habita. O rio e o homem no poema **Morte e vida severina** ligam-se um ao outro em função da precariedade estabelecida pela seca. O caminho de Severino é orientado pelo rio, que, ao secar, no período do verão, morre, e essa morte desanima o personagem. Assim como o rio Capibaribe, Severino

se define por sua natureza desvalida – ambos sujeitos a um destino de penúria, motivado pela seca. É a marca da carência que os aproxima e une numa poética de travessia. Sempre mirando-se, um sendo o eco do outro, rio e homem mal podem ser distinguidos. Sente-se que o rio se identifica com o viver nordestino, ou mesmo que o rio e a vida são a mesma coisa. Tem-se, no caso, a configuração do elemento fluvial como extensão do humano (e vice-versa) (PINTO, 2003, p. 177).

A vida é cíclica, constantemente se altera, tudo se transforma a cada instante, como o homem e o rio no poema. As esperanças de Severino são renovadas diariamente, apesar de todas as condições adversas, como também o rio Capibaribe volta à vida na Zona da Mata, onde se torna perene.

Os rios mencionados inicialmente neste artigo foram de várias formas fontes de vida para os povos que viveram e ainda vivem às suas margens, como o rio Nilo, responsável pela sobrevivência e pelo progresso da civilização egípcia, favorecendo o desenvolvimento da agricultura e da sociedade no Egito. O rio Ganges, importante rio da Índia, é ligado à cultura, à história e principalmente à religião daquele povo, vinculado às tradições e à purificação. O rio Amazonas, por sua vez, proporciona ao povo que vive nas suas beiras alimentação, moradia, cultura e identidade.

Já o rio Capibaribe, que junto com o Severino participa do drama, ele nasce no sertão e deságua no mar, mas que passa por muitas situações de precariedade, em função da seca, para conseguir chegar ao seu destino; rio que, por vezes, é abundância de água e por vezes é seco. Ainda assim, é carregado de histórias felizes e histórias tristes, de vida e de morte.

Severino é a personagem que sai da sua terra natal, indo tentar uma vida melhor na capital. Com ele vai o rio, e, com o rio, ele vai. O Capibaribe é seu condutor; um rio é “o que cada um viveu, imaginou e que sempre é mais que um rio. É um mar de culturas que flui como suas águas [...] Um rio como testemunho de vidas passando por ele” (FRANÇA, 2010, p. 5). Assim é o rio Capibaribe, um rio que sofre como os retirantes, que buscam melhorar um pouco a sua condição de vida, pois sabem que, se continuarem ali, perecerá.

Severino e o rio Capibaribe no poema se fundem em algumas cenas e se distanciam em outras. O rio é vida Severina. Severino com ele vai. A vida é desafio para quem está perto e mais ainda para quem está longe do rio. A Zona da Mata anima, mas os coveiros mostram a morte. O deslocamento do sertão é, muitas vezes, para a morte. Entretanto, a esperança não seca como o rio, segue firme, busca a vida. Severino renova as suas esperanças como o rio também se renova constantemente, pois a água que corre nele, nunca é a mesma. A vida se renova no homem e no rio.

Ressaltamos, finalmente, que seria impossível escrever este artigo sem levar em conta a situação da pandemia mundial pela qual a humanidade está passando. Isso justifica uma reflexão mais profunda, adaptada ao próprio contexto da obra literária porque não existe literatura sem humanidade. Ela, não obstante, reflete, espelha, direciona e norteia, é resultado e força motriz da atividade humana sobre a Terra.

REFERÊNCIAS

- BRUM, Eliane. Os humanos que o vírus descobriu no Brasil. **Combate racismo ambiental** (blog), Brasil, 16 set. 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/09/16/os-humanos-que-o-virus-descobriu-no-brasil-por-eliane-brum/>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- CORRÊA, Raffaella Caroline de Souza Corrêa. “**Panos flutuantes de todas as cores**”: a não-dualidade (advaita) do olhar nos Poemas Escritos na Índia, de Cecília Meireles. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado acadêmico) – Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.
- COSTA, Dalmo de Moura; SILVA, Bruno de Oliveira; CARVALHO, Fábio Luíz Oliveira de; MARTINS, Fabiana Lopes; PARIS, Lucio Rogerio Pelizer; BARASSA, Carla Augusta Rossetti. Aspectos culturais e potencialidades do rio Nilo em relação ao Egito. **Revista Saúde em Foco**, Edição nº 11, p. 721 - 731, 2019. Disponível em: http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/06/064_ASPECTOS-CULTURAIS-E-POTENCIALIDADES-DO-RIO-NILO-EM-RELAÇÃO-AO-EGITO_721_a_731. Acesso em: 11 mar. 2020.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANÇA, Inácio. **Um rio de gente**: histórias, causos e lendas do Capibaribe. Recife: Andararte, 2010.
- GALVE, Fernanda Rodrigues. **Ser(tão) Severino**: memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960). 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KAHN, Charles H. **A arte e o pensamento de Heráclito**: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário. Tradução Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2009.
- MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**: Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Waltencir Alves de. **O Gosto dos Extremos**: tensão e dualidade na poesia de João Cabral de Melo Neto, de *Pedra do Sono* a *Andando Sevilha*. São Paulo: Fapesp, 2012.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Rio/Homem: cursos e discursos na poesia de João Cabral de Melo Neto. **Soletras**, São Gonçalo, Ano III, n. 05 e 06, p. 176 – 185, 2003. Disponível em: <http://e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4468/0>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PINTO-COELHO, Ricardo Motta; HAVENS, Karl. **Crise nas Águas**. Educação, ciência, e governança, juntas, evitando conflitos gerados por escassez e perda da qualidade das águas. Belo Horizonte: [s.n.], 2015.

SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral**: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.